

Defesa e Invasões: Representações e Estratégias no Império Romano

Cláudio Umpierre Carlan¹

Resumo: O artigo começa com uma apresentação da numismática como um documento alternativo, analisando as questões políticas relativas ao mundo romano durante os séculos IV e V. Enfatiza-se nessa discussão, a importância do uso de uma variedade de fontes: textuais, iconográficas e arqueológicas. Usando como fonte iconográfica a coleção numismática do acervo do Museu Histórico Nacional / RJ, analisamos a imagem como uma fonte de propaganda, legitimando o poder imperial.

Palavras-Chaves: Exército, Moedas, Estado, Iconografia.

Abstract: The paper begins by discussing political issues relating to the Roman world in the 3rd c. AD and in the beginning of the 4th c. The paper emphasizes the importance of using a variety of historical sources, such as iconographic, archaeological, and art historical. Using iconographic sources to study a numismatic collection at the National Historical Museum, at Rio de Janeiro, Brazil, the paper aims at studying images as a source for propaganda aiming at justifying imperial rule.

Key-word: Arms, Coins, State, Iconography.

INTRODUÇÃO

As fronteiras romanas sempre foram um motivo de real preocupação. Durante o período republicano (509 – 27 a.C.), Roma sofreu uma série de ameaças, sendo a mais famosa imposta por Breno, chefe gaulês da costa adriática da Itália, que em 387 a.C., invadiu e saqueou a cidade. No Principado, Augusto (63 a.C. – 14 d.C.) manteve um interesse particular pela conquista da Germânia (atual Alemanha). Porém, a expansão é finalizada quando Armínio (16 ou 17 a.C. – 21 d.C.), germano de nascimento, porém cidadão romano e treinado na arte da guerra pelos mesmos, aniquilou o exército comandado pelo cônsul Públio Varo (46 a.C. – 9 d.C.), na Batalha da Floresta de Teutoburg.

No segundo século da Era Cristã, o imperador Adriano (76 – 138), mandou erguer na Bretanha, a Muralha de Adriano, com a intenção de deter os constantes invasores pictos (originários da Escócia).

Entre os anos de 235 e 268, o Império Romano viveu um conturbado período de guerras civis conhecido como Anarquia Militar. De uma maneira geral, os imperadores eram nomeados por seus

¹ Professor Associado IV de História Antiga do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas; membro da AVCFN (Associação de Veteranos do Corpo de Fuzileiros Navais).

soldados, sendo assassinados logo depois. Alguns chegaram a governar poucos dias. As legiões escolhiam seus generais como governantes, na esperança de receber uma recompensa. Quando o comandante não fazia o prometido era morto pelos seus legionários. Segundo relatos da época, alguns imperadores eram nomeados pela manhã e assassinados à noite.

Esses comandantes, permitiram o ingresso dos povos germanos, vulgarmente chamado de *bárbaros*, nas fronteiras imperiais. Porém, tinham que cultivar a terra, servir no exército romano (liderados pelos seus chefes) e vigiar as fronteiras. Mesmo assim, Aureliano, preocupado com quantidade de povos que entravam no império, mandou construir uma rede de fortificações, que servirá de modelo para os povos vindouros. Como podemos analisar na representação a seguir:



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, agosto de 2007. Portão São Paulo, Muralha de Aureliano, Roma, Itália. Muralha construída pelo Imperador Aureliano (214 ou 215 – 275), para impedir as invasões dos povos bárbaros. Dos 19 km originais, ainda existem aproximadamente 12 km. As paredes eram de 3,5 m de espessura, por 8 m de altura. Durante o governo do Imperador Honório (384 – 423), foram construídas as torres circulares (característica da Antiguidade Tardia) e ampliada à altura dos muros para 16 m. Inicialmente o portão recebeu o nome de Ostiense, porque era caminho do comércio para porto de Óstia (ânforas de vinho e azeite), via rio Tibre. Mais tarde, foi rebatizado de São Paulo. À frente do portão está voltado para Basílica de São Paulo, na mesma avenida. Hoje, está localizada próxima a Estação Ostiense, no bairro de Testaccio, construído por Mussolini para abrigar a classe operária. O Monte Testaccio, localizado no mesmo bairro, é o local de escavações da Escola Espanhola de Roma.

FORTIFICAÇÕES

O homem, durante a sua passagem pelo planeta, desenvolveu diversas formas simbólicas, tanto artísticas quanto linguísticas, expressas pela sua consciência.

A moeda, como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético.

A impressão iconográfica das moedas, deixando-se de lado as inscrições, revela figuras diversas: animais, vegetais, brasões, objetos, edifícios e emblemas mais ou menos estilizados. Geralmente, essas figuras referem-se ao local de cunhagem e à respectiva autoridade, designada de um modo claro para os seus contemporâneos por uma figura, uma atitude, ou atributos cujos significados hoje muitas vezes nos escapam.

Apesar de não haver criações notáveis no período sobre as representações numismáticas, devemos citar que muitos reversos exibem o tema das portas de cidades, uma maneira dos imperadores demonstrarem seu interesse em manter a segurança da população. As duas únicas exceções, de acordo com Gomes Marques, são as portas de Trêves, em um sólido de Constantino; e um medalhão que representa os portões de Londres, de Constâncio II (MARQUES: 1982,133).

Existe uma controvérsia quanto a esta afirmação de Gomes Marques. Sears concorda com ele, identificando o anverso como os portões de Londres. Cohen afirma ser um campo militar ou praça forte. Dezesesseis das dezoito peças do acervo do Museu Histórico Nacional (MHN) possuem essa representação, apresentam uma estrela que, segundo RIC (Roman Imperial Coinage) e o próprio Cohen (COHEN: 1892, 437), identifica as moedas cunhadas no Oriente. Ao analisarmos os respectivos exergos, achando ARLQ (Arles), RΩQ (Roma), SAMNTH (Antioquia), SMHA (Heracléia), SMNE (Nicomédia), SMKT (Sisico) entre outras, concordamos com os autores acima citados.

A partir do século III começa a haver uma variação das amoedações que trazem edifícios ou construções militares como tema. Neste caso devemos destacar uma certa originalidade da cunhagem, pois não foram encontradas outras representações iguais nas coleções referentes ao século IV, tanto no MHN como nos catálogos mais antigos por nós pesquisados.



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 1998. Moeda do Imperador Constâncio II, filho e herdeiro político de Constantino I, o grande. Peça de bronze, denominada AE3, cunhada entre os anos de 324 e 337, em Nicomédia (exergo ou linha de terra SMNE, segunda casa monetária da Nicomédia). Excelente visualização tanto do anverso quanto do reverso. No anverso, a legenda FL IVL CONSTANCIVS NOB C (Flávio Júlio Constâncio Nobilíssimo Cêsar, o título nobilíssimo era destinado aos membros da família imperial). Os detalhes do cabelo, manto e diadema estão bem representados. No reverso, aparece uma representação de construção, fortaleza ou catedral, com duas torres circulares e uma estrela logo acima. Segundo Cohen seria parte de um campo militar aberto. Gomes Marques acrescenta que, tanto as peças de Constâncio II como a de seu pai, Constantino, são as que melhor representam os temas que envolvem as construções.

Estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1.01mm, peso de 2.17g, alto reverso 11 horas.

De acordo com o *Dicionário de Semiótica*, o significado do termo “construção”, aparece como um sinônimo de “artificial” opondo-se a “natural”, uma referência à ação do homem que transforma a natureza (GREIMAS e COURTÉS: 1979, 80). Em uma política imperial onde a moeda tem um grande poder de circulação, os habitantes do vasto Império Romano tomariam conhecimento da obra realizada pelo seu governante. Além disso, ainda há o significado da segurança representada pela própria fortificação.

Como podemos notar na muralhas de Barcelona, recinto amuralhado, conservado hoje, com alguns caracteres medievais e reconstruções posteriores, foi adicionado entre os anos de 270 e 310, pelo magistrado *Coelius*, provavelmente sobre os restos de uma muralha anterior, para fortificar o assentamento urbano da então colônia romana. Converteu *Barcino*, atual Barcelona, em um dos mais impressionantes recintos fortificados do ocidente romano. A pequena cidade havia se transformado

em uma autêntica fortaleza. Usurpadores como Máximo (final do século IV), e reis visigodos como Atila (372? – 415), transformaram a cidade em sua capital. Esse recinto defendeu o local durante mais de 600 anos e, segundo as tradições catalãs, na capital da Catalunha.



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, maio de 2007. Portão principal da muralha romana de Barcelona (porta praetoria). As torres circulares, comum no século IV e um arco do antigo aqueduto, hoje destruído. Entre as torres, notamos a via principal, a *decumanus maximus*.

O acesso a cidade era feito por uma via central, *decumanus maximus*, de 825 metros, que atravessava o local desde a porta *praetoria* (hoje portal do bispo), até a porta *decumana*. Também havia outra via, perpendicular a anterior, *cardo máximo*, de 550 metros, que unia a porta *principalis sinistra* e a porta *principalis dextra*. As vias secundárias, *decumani minores*, paralelas a *decumanus maximus* e *cardines minores*, repetindo o esquema, paralelas ao *cardo máximo*.

Nos espaços delimitados por essas ruas estavam construídas os *domus* (casas), os edifícios públicos *termae*, banhos, e outros, como o fórum, o templo, o mercado, o senado municipal, contemplavam a cidade.

A água fornecida para *Barcino*, se realizava por meio de aquedutos, que a transportavam dos rios Besos e Collserola. Dentro da torre que defendia o lado noroeste da porta, se conserva a última arcada dos aquedutos da cidade, construído no primeiro século cristão. Conforme ilustração abaixo:



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, maio de 2007.

Fora da cidade, se localizavam as tumbas e os mausoléus, como a necrópolis cristã que se conserva até hoje, na praça Vila de Espanha.



Fotos: Cláudio Umpierre Carlan, julho de 2007. Antiga necrópolis cristã de Barcelona, hoje localizada no bairro Gótico, próxima as Ramblas e Centro Histórico.

LITERATURA, ESTRATÉGIA E AS CIDADES NO SÉCULO IV

Poucos sabemos sobre a literatura nas cidades romanas do século IV. A maioria dos autores, estão preocupados com as invasões germânicas, conhecidas como bárbaras, ou a questão religiosa. A obra de Vegécio, por exemplo, *Da Arte Militar*, tenta impor um padrão estratégico utilizado durante o período do Principado (séculos I e II), porém, pouco viável para século IV, quando as legiões já contavam com soldados “bárbaros” em suas formações.

Públio Flávio Vegécio Renato (? – 450 ?), historiador militar romano, escreveu sua obra em homenagem ao imperador, sem citá-lo. Acredita-se tratar de Teodódio I, o grande. Ele mesmo se auto identificava como *Homem Ilustre*, ou seja, próximo ao governante. Pouco sabemos sobre sua vida.

Outros que retratam esse período são Lactâncio e Eusébio de Cesareia. Ambos cristãos, Lactâncio professor de retórica e preceptor do filho mais velho de Constantino I, o grande, Crispo; Eusébio, bispo de Cesareia, biógrafo oficial e amigo pessoal de Constantino, provavelmente o grande responsável pela suposta cristianização do Imperador, até hoje muito discutida.

Lactâncio narra a última grande perseguição aos cristãos, realizada por ordem de Diocleciano (301), seguindo as intrigas do seu genro, também imperador Galério. Do ponto de vista histórico, Lactâncio faz uma descrição da cidade de Nicomédia, transformada em capital da parte Oriental do Império por Diocleciano. Toda a reforma na região, para poder receber a corte imperial. Destaca a posição estratégica, prevendo uma séria de invasões, tanto germânicas, quanto persas sassânidas. Os cristãos, foram acusados por Galério, de hasterem fogo no palácio imperial de Nicomédia, dando início a perseguição.

Eusébio escreveu a primeira história da Igreja Cristã e sobre a vida de Constantino. Preocupou-se mais deixar claro para os leitores, a força divina do Deus Cristão, do que os problemas encontrados nos *limes* do império. Porém, sua obra é fundamental para os pesquisadores do início do século IV. Cita o papel das reformas constantinianas para reorganizar o império, a rivalidade do Senado com Imperador e o estabelecimento de um novo eixo político com a transferência da corte para Constantinopla.

Nesse período destacamos a obra de Santo Agostinho, bispo de Hipona (atual Annaba, na Argélia). Em seus relatos, Agostinho analisa a importância política e econômica das cidades por ele visitadas. Sobre Mallorca, por exemplo, ele descreve toda a importância econômica da região, como ponto de reabastecimento do trigo vindo do norte da África, sua posição estratégica para os romanos (que demoram dois anos para conquistar a ilha), a conquista, em 425, pelos vândalos de Podgorico Walka (alto programado rei de Mallorca), que manteve uma forte presença militar, tentando controlar a população romana do local (SANTO AGOSTINHO: 2006, 382).

O EXÉRCITO E A DEFESA DO IMPÉRIO

O século IV, período conhecido com Antiguidade Tardia ou Baixo Império, sempre foi, erroneamente, associado a uma época de crises e decadência no Mundo Romano. Ao contrário do que pensavam, durante a Tetrarquia, coube a Diocleciano e seus colegas (Maximiano, Galério e Constâncio Cloro), reorganizarem o Império, tanto administrativamente, quanto militar e socialmente. A energia desses governantes livrou Roma da invasão e da revolução anárquica. O mais dotado para a administração, Diocleciano, estendeu e retomou essas medidas durante 20 anos, antes de sistematizar uma obra que foi, ainda, completada por Constantino.

Na tentativa de restaurar as fronteiras, Diocleciano cria 12 dioceses, dirigida por um vigário, ligadas politicamente a quatro prefeitos pretorianos, encarregados da parte militar; e quatro governantes, responsáveis pela administração. Assim o imperador consegue facilitar o sistema de defesa, reduzindo a gravidade da “guerra em duas frentes”. O efetivo do exército aumenta de 450 para 500 mil soldados e as legiões são compostas por 5 mil legionários (FERRIL, 1989: 36). Ocorre uma variação tática: são incorporados lanceiros de cavalaria, *lanciarri*; companheiros, comitês; infantes, *ioviani e herculiani* (RODRIGUEZ GONZALEZ: 2005, 101).

Constantino retira essas forças fronteiriças, ampliando o exército móvel para 10 mil elementos (ZOSIME: 1971, 112). A estimativa é de 110 a 120 mil homens, sem incluir a África, estavam prontos para o combate. Boa parte dessas tropas era composta por povos germânicos, chefiados pelos comandantes provinciais, os *duces*, subordinados ao general tarimbeiro, comes. Ironicamente em inglês um Duque, *dux* no singular, supera a hierarquia de um conde, *comes*.

Constantino também reduz o número das legiões para mil legionários, dissolve os pretorianos, mantém a logística Diocleciana de taxaço em espécie. São criados os guardas imperiais especiais, *scholae palatinae*.

Com a evolução da situação política, fica praticamente impossível para o exército romano manter a ofensiva. Para isso, os imperadores tratam de fortificar as cidades aumentando o número de soldados

e reserva de defesa. Mercenários de origem germana, são incorporados ao exército romano, aumentando o efetivo (DEPEYROT, 1987: 44).

As tropas romanas atravessaram o Reno e o Danúbio, ao longo de cujos cursos se reconstruía uma sólida defesa. A Mesopotâmia é reconquistada e o Império Sassânida é obrigado a ceder territórios além-Tigre. No Oriente, Roma nunca avançara tão longe. Como exemplo, podemos citar os combates travados entre Constâncio II, filho e herdeiro político de Constantino I, o grande, e o rei persa Sapor II, nos quais o Imperador Romano obteve os mais variados resultados. Esses combates estão representados nas moedas existentes nos lotes de números 26 e 27 do Museu Histórico Nacional, no qual aparece a figura de Constâncio, à esquerda de quem observa, de armadura, a cavalo, derrotando um inimigo persa, de joelhos, com os braços levantados, como se estivesse suplicando misericórdia. Como podemos observar nessa cunhagem do Imperador Constâncio II:



Foto: Claudio Umpierre Carlan, acervo do Museu Histórico Nacional, agosto de 1998.

Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG - **Reverso:** FEL TEMP REPARATIO / SMTS

No anverso aparece o busto de Constâncio, face voltada à direita do observador, com o diadema de duas pontas, o manto imperial preso aos ombros. No reverso, a imagem representa um soldado ou legionário romano (ou o próprio imperador) derrotando um inimigo germânico. Este pedindo misericórdia. Em outros exemplares notamos tratar-se de uma representação de um inimigo persa, pois o uniforme estava mais destacado. A riqueza dos detalhes, como escudo, a lança, a espada do vencido caindo ao solo, o escudo sendo pisoteado pelo vencedor demonstra a importância em destacar tal fato. Na legenda FEL TEMP (REPA) RATIO, retorno aos tempos felizes ou bons tempos, e o exergo ou linha de terra, segunda casa monetária de Tessalônica. Peça de bronze, estado de conservação bem conservada (BC), de diâmetro de 1,3 mm, peso de 2.77g, alto reverso 10 horas. Existem 68 variantes desta peça na coleção, dos mais variados centros monetários.

Mas não podemos esquecer que a função do exército, mais do que se defender de ataques externos ao Império consistia em reprimir a dissidência interna, pois era sua presença que garantia o poder romano no interior das fronteiras do Império (FUNARI: 2002, 93).

A experiência vinha provando quão insuficiente era o antigo exército, bem como sua inadaptação às novas condições da guerra agora impostas pelos adversários. Do mesmo modo, mantêm-se e aperfeiçoam-se as muralhas urbanas: perante os invasores, dotados de rudimentares técnicas bélicas de assédio, as cidades constituem redutos quase inexpugnáveis. O próprio equipamento individual começa a sofrer mutações que, segundo Peter Brown, desde o final do século III, já mostram indícios dos aparatos dos futuros cavaleiros medievais (Brown: 1972, 98).

Outra questão importante é a incorporação de não-romanos nas fileiras do império. Os numerosos cativos e grupos étnicos que pedem asilo são instalados em território romano, a fim de repovoar e recultivar regiões em que a mão de obra é rara. Trata-se dos chamados letos ou gentios,

que a administração deve manter sob vigilância, e cujos filhos são agora obrigados, como filhos de soldados, a entrar no exército. Os efetivos da cavalaria aumentam muito, porque a mobilidade torna-se a principal estratégia militar

Os imperadores continuam sendo aclamados pelas tropas e, no século IV, se não levam seus deveres militares a sério, seu poder é efêmero. Muitas vezes, como nos casos de Juliano (331/332 – 363) e Valentiniano I (321 – 375), devem a proclamação às provas previamente dadas de seu valor militar e não se afastam do exército, participam das expedições e arriscam a vida, no caso de Juliano contra os persas, perdendo-a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o século IV, as tropas romanas atravessaram o Reno e o Danúbio, ao longo de cujos cursos se reconstruía uma sólida defesa.

A Mesopotâmia é reconquistada e o Império Persa-Sassânida é obrigado a ceder territórios além-Tigre. No Oriente, Roma nunca avançara tão longe. Como exemplo, podemos citar os combates travados entre Constâncio II e Sapor II, nos quais o Imperador Romano obteve os mais variados resultados. Tais combates estão representados nas moedas existentes nos lotes de números 26 e 27 do Museu Histórico Nacional. Aparece a figura de Constâncio, à esquerda de quem observa, de armadura, cavalo, derrotando um inimigo que, de joelhos, com os braços levantados, como se estivesse suplicando misericórdia. Apesar de a moeda estar um pouco deteriorada pelo tempo, nota-se, que a imagem central do imperador romano — que é o centro do poder — sempre aparece maior que a do persa. Através da análise desse pequeno objeto de bronze, cujo diâmetro é de 2,5mm, e o peso, de pouco mais de 4 gramas, podemos destacar também a crescente importância da cavalaria, representada aqui pela personificação de Constâncio.

A cunhagem monetária associada ao retrato e à propaganda configurava dois aspectos intimamente ligados em Roma. As moedas, por sua vez, associavam-se a um e a outro, também em forma muito íntima. Elas não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação de documentos e eventos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na nossa compreensão das imagens que contêm.

Nesse caso, a numismática conserva um fragmento da história do homem e, segundo Frère: "

...se coloca hoje como uma disciplina científica através da qual podem ser estudados muitos aspectos de uma determinada sociedade...É uma ciência que tira da aridez do seu estudo grandes subsídios históricos" (FRÈRE: , 11).

AGRADECIMENTOS:

Aos colegas da Revista Brasileira de História Militar, em especial a professor Alair Figueiredo Duarte pela oportunidade de trocarmos ideias, a Pedro Paulo Funari, André Leonardo Chevitarese, Ciro Flamarion Cardoso (In Memoriam), a Associação de Veteranos do Corpo de Fuzileiros Navais. Ao apoio institucional da CAPES, FAPEMIG e Universidade federal de Alfenas.

A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

Fontes Numismáticas

Moedas do Imperador Constâncio II. Cunhada entre os anos de 330 e 351. Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. Medalheiro de número 8, lote número 33, lâminas 345.

Referências

AGOSTINHO de Hipona. *A Cidade de Deus*. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 3ª ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

BASTIEN, Pierre. HUVELIN, Hélène. *Trouvaille de Folles de la Période Constantienne (307-317)*. Belgique: Éditions Cultura Wetteren, 1969.

BROWN, P. *O Fim do Mundo Clássico. De Marco Aurélio a Maomé*. Tradução de Antônio Gonçalves Mattoso. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

BRUUN, Patrick. *Studies in Constantinian Numismatics*. Papers from 1954 to 1988. Acta Instituti Romani Finlandiae. V. 12. Rome: Illus, 1991.

CHARTIE, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CARLAN, Claudio Umpierre. *Moedas, propaganda e poder. As moedas do Imperador Constâncio II (317-361) e o acervo do Museu Histórico Nacional*. São Paulo: Fonte Editorial, 2023.

COHEN, Hernry. *Description Historique des Monnaies. Frappés Sous L'Empire Romain*. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième Edition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollim e Feuardent, Éditeurs, 1880-1892.

DEPEYROT, G. *Economie et Numismatique (284-491)*. Paris: Errance, 1987.

EUSEBIUS PAMPHILI, Bispo de Cesaréa. *Historia Eclesiástica*. Tradução Luis M. de Cadiz. Buenos Aires: Editora Nova, 1950.

- FERRIL, Ather. *A Queda do Império Romano. A explicação militar*. Tradução de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- FRÈRE, Hubert. *Numismática. Uma Introdução aos Métodos e a Classificação*. Tradução e Adaptação: Alain Costilhes e Maria Beatriz Florenzano. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1984.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. CARLAN, Claudio Umpierre. *Arqueologia Clássica e Numismática*. N. 62. Campinas: UNICAMP /IFCH, 2007.
- LACTÂNCIO. *De Mortibus Persecutorum*. Paris: Ed. J. Moreau, 1954.
- MARQUES, Mario Gomes. *Introdução à Numismática*. 1a. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Ensayos de Historiografía Antigua y Moderna*. México: FCE, 1993.
- RODRIGUEZ GONZALEZ, J. *Diccionario de las batallas de la Historia Romana (733 a. C. – 476 d.C.)*. Madrid: Signifer libros, 2005.
- THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.
- VEGÉCIO. *A Arte Militar*. Introdução de Paulo Matos Peixoto. Tradução brasileira de Gilson César Cardoso de Souza. 1ª ed. São Paulo: Editora PAUMAPE S.A., 1995.
- ZÓSIME. *Histoire Nouvelle*. III. 18. éd. Paris: F. Paschoud, 1979.